

Um prefeito integralista? Yêddo Fiúza e a AIB em Petrópolis (RJ) nos anos 1930

Priscila Musquim Alcântara*

INTRODUÇÃO

No final de 1945, após 15 anos do governo de Getúlio Vargas, os brasileiros preparavam-se para ir às urnas e escolher o novo presidente da República. O Partido Comunista Brasileiro (PCB), na legalidade e, portanto, possibilitado de concorrer naquela eleição, lançou, há menos de um mês do pleito, o seu candidato, o engenheiro civil gaúcho Yêddo Fiúza, que não tinha uma trajetória política vinculada ao PCB.

Fiúza foi apresentando como um candidato civil, sem ligações partidárias. Nas semanas que seguiram ao lançamento da candidatura, Fiúza fez comícios em várias capitais brasileiras, acompanhado de Luiz Carlos Prestes, liderança comunista de maior expressão no período. Concorreu com o brigadeiro Eduardo Gomes, da União Democrática Nacional, o general Eurico Gaspar Dutra, do Partido Social Democrático e Mario Rolim Teles, do Partido Agrário Nacional.

A candidatura gerou surpresa e também muitas críticas, afinal, pouco se sabia a respeito do engenheiro, que fora nomeado interventor de Petrópolis por Getúlio Vargas em dezembro de 1930. A ligação de Fiúza com Vargas chamou atenção e não tardou ser alvo de críticas. O jornalista Carlos Lacerda apoiava Eduardo Gomes e para ele, a vitória de Dutra deveu-se ao engenheiro, cuja candidatura teria servido para angariar votos de eleitores que não apoiavam Dutra e que teriam como segunda e única opção o brigadeiro (LACERDA, 1946, P.14-24).

Lacerda lançou então uma coletânea de artigos no jornal *Diário Carioca*, propondo-se a fazer uma investigação sobre a vida de Yêddo Fiúza e trazer a tona “verdades” que o eleitor precisava saber. Nesse contexto, criou a personagem “Rato

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora – Linha Poder, Mercado e Trabalho. Orientador: professor dr. Ignacio José Godinho Delgado.

Fiúza”. No ano seguinte, essa coletânea de artigos deu origem ao livro que levava o nome da personagem inventada pelo jornalista.

Mesmo com as acusações feitas por Lacerda, Fiúza conseguiu cerca de 10% do total de votos, um número expresso para uma candidatura lançada às pressas, e de um sujeito pouco conhecido no cenário político nacional do período. Um dos argumentos sustentados pelo jornalista foi o de que Fiúza apoiou e pertenceu ao integralismo enquanto foi prefeito em Petrópolis, fazendo cair por terra a o discurso do PCB, de que o candidato não tinha ligações partidárias anteriores em sua trajetória política.

Chama a atenção que entre as acusações feitas por Lacerda, estava a de que Fiúza, enquanto chefe do executivo de Petrópolis, apoiou o integralismo, integrando inclusive as suas fileiras. Com base em uma pesquisa sobre o Integralismo em Petrópolis na década de 1930, é possível desconstruir essa afirmação de Lacerda.

O presente trabalho faz parte do estudo da trajetória política de Yêddo Fiúza. Leva-se em conta a importância de se analisar o indivíduo de forma articulada com os atores sociais que estiveram presentes ao longo de sua trajetória. Nesse sentido, o indivíduo não deve ser analisado de forma atomizada, desvinculada da rede social a qual pertence. Essa idéia vem de encontro com a perspectiva do individualismo metodológico, modelo de análise sociológica que considera que a sociologia tem sua origem nas ações dos indivíduos distintos, de um ou de vários indivíduos. Por conta disso, para compreender um fenômeno social, é imprescindível analisar as razões que levam os atores sociais a agir. O individualismo metodológico analisa a sociedade de forma interacionista, onde os atores se movem dentro de um contexto social, interagindo com outros atores. (BOUDON, 1996, P.33).

Compreender uma trajetória individual implica assim em um esforço para compreender a sociedade em que esse sujeito está inserido. A palavra “sociedade” pode ser compreendida, segundo a análise de Georg Simmel, como a interação entre indivíduos, motivada pelos mais diversos instintos e interesses uma relação de convívio com referência ao outro, com o outro e contra o outro. (SIMMEL, 2006. P. 59-60).

Nesse sentido, a proposta aqui apresentada tem como objetivo a relação entre o interventor Yêddo Fiúza e o integralismo petropolitano. A produção historiográfica sobre Petrópolis privilegia mais o aspecto imperial da cidade como os temas ligados a rotina de D. Pedro II no município e a imigração germânica para a localidade, por ele

empreendia na década de 1840. A Petrópolis Imperial ofusca a Petrópolis Operária: a cidade era um importante pólo têxtil fluminense na primeira metade do século XX. Segundo o censo de 1920, a população de Petrópolis era de 67.573 pessoas. Em 1937, 92 mil pessoas residiam no município. (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 1º de janeiro de 1938, p.1). E neste mesmo ano, o setor industrial empregava 3.438 pessoas, o que correspondia a 23% da população economicamente ativa da cidade¹. Movimentos sociais e políticos em Petrópolis, em especial os do século XX carecem de uma investigação mais densa que nos permita compreender esse contexto. A respeito deste assunto, destaca-se a obra *Pão, Terra e Liberdade na Cidade Imperial: a luta antifascista em Petrópolis no ano de 1935*, do historiador Paulo Henrique Machado, que tem como foco central a Aliança Nacional Libertadora em Petrópolis e as pesquisas em andamento do historiador Alexandre Luís de Oliveira, que se dedica a estudar o integralismo petropolitano².

1. Petrópolis e o Sistema de Interventorias (1930): nomeação e gestão de Yêddo Fiúza

Uma das primeiras medidas colocadas em prática pelo governo que assumiu o executivo nacional por meio do movimento de 1930 foi o Sistema de Interventorias, que se inspirava em reivindicações tenentistas. Por meio desse sistema, o presidente da República passou a nomear interventores para governar os estados. Esse sistema foi alvo de muitas críticas, já que muitos dos interventores não possuíam laços com as elites políticas locais, sendo, muitas vezes, naturais de outras unidades federativas. O sistema gerou crises e substituições constantes de interventores. O estado do Rio de Janeiro, por

¹ Segundo dados levantados pela Comissão do Centenário de Petrópolis e divulgados na edição especial da *Folha de Petrópolis*, em reportagem de Inês Campinho, intitulada “Outrora importante pólo industrial do Estado do Rio, a cidade hoje está esvaziada – Indústria, do apogeu à decadência”. – 16 a 22 de março de 1996.

² Alexandre teve como objeto de pesquisa em seu trabalho de conclusão de curso a AIB em Petrópolis. A pesquisa gerou como resultado o trabalho *O Movimento Integralista em Petrópolis (1933-1938)*, desenvolvido sob orientação do professor Leandro Gonçalves Pereira, professor do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF). Em parceria com Alexandre, publico neste ano capítulo intitulado “O jornal *A Marcha* e a estruturação da AIB em Petrópolis - RJ (1934)”, que integra o livro **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**, publicação organizada pelo professor Leandro e pela historiadora Renata Duarte Simões.

exemplo, nos primeiros cinco anos da década de 1930, conheceu seis interventores. (PANDOLFI, 2007, 16)

A interferência direta de Getúlio Vargas na nomeação do chefe do executivo dos municípios não foi uma medida comum por todas as regiões do país, apenas em algumas cidades consideradas estratégicas. Petrópolis tinha uma importância significativa para a economia fluminense. Grande parte do empresariado têxtil do município era da Guanabara, então capital do País. Além disso, era um município geograficamente próximo da capital e que servia de veraneio para a elite fluminense, hábito que começou com a Família Imperial e que pode ser verificado até os dias atuais.

O então prefeito de Petrópolis, Ary Barbosa, foi afastado do cargo. Assumiu como interventor, em caráter provisório, o tenente coronel Veriano Romão. Embora tenha tomado uma série de medidas que agradou ao empresariado, como a anulação do aumento do imposto predial em vigor naquele semestre e concessão de um prazo maior para o pagamento. Sabia-se, no entanto, que a permanência de Romão no executivo tendia a ser provisória. Segmentos da imprensa local defendiam que a substituição fosse feita por um petropolitano. (ALCÂNTARA, 2009, 24).

No entanto, em dezembro de 1930, Getúlio Vargas nomeia o engenheiro gaúcho Yêddo Daudt Fiúza para assumir o executivo do município. Fiúza era primo do empresário João Daudt D'Oliveira, colega de Getúlio Vargas na Faculdade de Direito de Porto Alegre. Daudt D'Oliveira era amigo de Vargas e atuou de forma expressiva no movimento que o levou ao poder. O empresário intermediou as relações entre Minas Gerais e o Rio Grande do Sul nas primeiras reuniões que deram origem a Aliança Liberal, em especial, junto ao empresariado desses estados. (DIAS, 2001).

Segundo Joaquim Eloy dos Santos, do Instituto Histórico de Petrópolis, a nomeação de Fiúza foi fruto de indicação direta de Daudt de Oliveira ao amigo Vargas, agora, chefe do governo provisório do Brasil. (SANTOS, 2001, p.13).

Fiúza tinha uma formação considerada como a de um “técnico”. Profissionais como engenheiro e economistas passaram a ser valorizados como administradores públicos nas décadas de 1920 e 1930, não só no Brasil. Era o começo da difusão de um raciocínio, tanto entre as elites ilustradas quanto junto ao senso comum que identificava os políticos como

“profissionais da política”, avessos à realidade nacional, quer por falta de preparo, quer por falta de caráter. Em oposição a eles, constrói-se a figura do “técnico”, do “administrador”, quer por sua formação específica de alto nível, por seu “isolamento” da política e por sua “neutralidade”, é capaz de romper com o “atraso” e criar riqueza. Ou seja, se nosso mal é político, sua solução reside, com frequência, na criação de uma administração que resolva problemas basicamente sócio-econômicos, o que requer um “saber técnico” definido ao mesmo tempo e de forma interativa com um saber especializado e despolitizado. (GOMES, 1994: 1-2).

Com isso, indivíduos com formação técnica, quando convocados para desempenhar funções de administradores públicos, eram cercados por muita expectativa por parte da sociedade.

Com uma política de governo pautada na redução de gastos, Fiúza conseguiu equilibrar as contas do município sem precisar recorrer ao aumento de impostos junto a população ou ao setor industrial. Também conseguiu atender a demanda do funcionalismo municipal e reajustou o salário dos funcionários da Prefeitura que, antes de sua gestão, eram um dos piores do estado do Rio. Conseguiu também fazer obras de infra-estrutura no município, como a construção de bueiros, paredes, pontes e meios-fios. Interveio junto ao governo estadual, garantindo o fim do imposto de exportação sobre os tecidos de lã e seda que chegavam na cidade. A gestão de Fiúza concedeu isenção fiscal às fábricas do município por cinco anos. (ALCÂNTARA, 2009, p.30-45).

Segundo a análise do historiador Joaquim Eloy dos Santos,

da mesma forma que Getúlio Vargas foi um divisor de águas da República brasileira, também o foi Yéddo Fiúza em Petrópolis, determinante de um novo conceito de administração municipal, sepultando velhas e viciadas práticas políticas e conduzindo o município a novos rumos. (SANTOS, 2001, p.13)

A política de redução dos gastos incomodou um segmento do empresariado nacional e custou-lhe a interventoria de Petrópolis. Fiúza tentou rescindir o contrato com o Banco Construtor do Brasil, fornecedor de luz e água para o Petrópolis, alegando que o serviço prestado pela empresa era deficiente, e a Prefeitura tinha que fazer o abastecimento de várias localidades com carros pipa e o serviço de luz também deixava a desejar. Com a dinâmica das mudanças na interventoria fluminense, o então interventor estadual Ary Parreiras afastou Fiúza do executivo de Petrópolis.

A saída de Fiúza causou comoção em todas as esferas sociais do município de Petrópolis. Ao tomar conhecimento do fato, no dia 31 de dezembro de 1934, centenas de pessoas tomaram as ruas da cidade, depredaram bondes e só se dispersaram após a intervenção do exército, quando os relógios já anunciavam a chegada no ano de 1935.

2 – A consolidação do Integralismo em Petrópolis

Foi durante a gestão de Fiúza que a Ação Integralista em Petrópolis se organizou e consolidou-se. A postura do engenheiro foi de neutralidade com relação ao movimento. O primeiro núcleo de Petrópolis foi inaugurado em 1933. O chefe municipal era Raymundo Padilha, que posteriormente também integrou o secretariado nacional da AIB. Rapidamente, o movimento integralista ganhou adesão expressiva e outros núcleos foram fundados. (MACHADO, 2008, p. 51).

Em janeiro de 1934, meses após a inauguração do primeiro núcleo em Petrópolis, o chefe nacional do movimento, Plínio Salgado, foi recebido pela milícia integralista petropolitana, que já contava com 300 membros. (JORNAL DE PETRÓPOLIS, 13 de janeiro de 1934, p.1).

Para que o Integralismo prosperasse em Petrópolis, a equipe do Departamento de Propaganda trabalhou de forma intensa, fazendo campanha em todos os bairros e distritos. Durante uma semana de campanha no então distrito de São José do Rio Preto³, o mais afastado do centro de Petrópolis, o Departamento de Propaganda distribuiu cerca de 3.500 panfletos e realizou 100 inscrições. (A MARCHA, 07 set. 1934, p. 3).

O trabalho da AIB em Petrópolis incluía também o ensino básico. Em agosto de 1934, os integralistas já possuíam uma escola de alfabetização em Petrópolis, gratuita e aberta a todas as pessoas, de diferentes faixas etárias. Ser militante da AIB não era pré-requisito para ingressar na escola. (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 15 ago. 1934, p.1). A AIB em Petrópolis também promoveu cursos para a formação de seus seguidores. Em 1934, foi oferecido aos integralistas noções sobre Economia, Política e Sociologia, História do Brasil e Geografia Econômica.

³ Emancipado de Petrópolis em 1987, o local hoje corresponde ao município de São José do Vale do Rio Preto.

Outro ramo de atuação da AIB em Petrópolis foi nas artes cênicas. Em agosto de 1934, os integralistas petropolitanos organizaram sua primeira peça teatral, intitulada *O Integralista*. Composta de três atos, a peça mostrava o cotidiano de diversos segmentos sociais, como o operariado, os grupos de artistas, industriais e agricultores. A tônica da peça era a transmissão do discurso integralista para cada um desses grupos. O corpo de atores dessa peça não foi composto apenas por integralistas, mas era meta da AIB petropolitana a criação de uma escola integralista de artes cênicas para fornecer quadros para os espetáculos dos núcleos municipais. (A MARCHA, 27 jul. 1934, p. 14).

A chefia da AIB em Petrópolis investiu em propaganda na imprensa local, publicando cerca de três notas semanais nos principais veículos de comunicação impressa. A propaganda na imprensa petropolitana não bastava aos integralistas. No começo de 1934 foi lançada a primeira edição do jornal *A Marcha*, periódico difusor da doutrina integralista na cidade.

Carlos Lacerda afirmou em sua coletânea de ataques a Fiúza que “já em 1935, o Sr. Yêddo arvorava o sigma em sua residência em Petrópolis” (LACERDA, 1946, P.20). Ele insistia em ligar Fiúza ao integralismo desconstruindo o argumento de Luiz Carlos Prestes, de que o candidato do PCB era desvinculado de partidários políticos.

Durante a pesquisa sobre o período de 1930 a 1934, acerca da administração de Fiúza e do Integralismo em Petrópolis, não foram encontradas referências que sustentem a afirmação de Lacerda, nem por meio da imprensa local, nem por meio da imprensa integralista.

Em nota publicada pelo jornal *A Marcha*, os integralistas de Petrópolis desmentiam uma informação que circulava na cidade de que Fiúza estaria perseguindo servidores integralistas. Segundo o jornal,

Devidamente autorizados pelo Prefeito municipal, doutor Yeddo Fiúza, podemos assegurar que carecem de fundamento as notícias veiculadas por pessoas inescrupulosas de que s. ex. pretendia hostilizar alguns funcionários municipais pelo simples fato de serem integralistas.

Mais ainda, declarou-nos o Chefe do Executivo Municipal que semelhante atitude, se praticada por qualquer diretor ou chefe de serviço, teria de s. ex. imediata punição. (A MARCHA, 14 de junho de 1934).

O trecho acima aponta para uma relação de neutralidade e liberdade entre Fiúza e a AIB, o que oferece indícios para um questionamento da afirmação feita por Lacerda de que Fiúza era integralista.

Em março de 1935, foi realizado em Petrópolis o II Congresso Nacional Integralista. Durante os três dias de evento, a cidade recebeu cerca de 5 mil integralistas. Foi nesse Congresso que a AIB transformou-se em um partido político, visando às eleições previstas para 1938.

Carlos Lacerda utilizou o II Congresso como argumento para identificar Fiúza como integralista. (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 8 de março de 1935. CYTRYNOWICZ & MAIO, 2007, P 43.)

Leiam-se os jornais de 1935. Revejam-se uma coleção de “A Offensiva”, órgão oficial da Ação Integralista. Lá está o relato do Congresso Integralista, realizado em março de 1935, em Petrópolis, quando o Sr. Fiúza era prefeito. Plínio Salgado deu então à cidade o insultante nome de Cidade Integralista. Durante o Congresso foi organizada uma Exposição integralista. Onde? No palácio de Cristal. Cedido por quem? Pelo prefeito municipal Yeddo Fiúza. (LACERDA, 1946, P.63)

Fiúza, entretanto, já não respondia pelo executivo municipal de Petrópolis no período em que o Congresso foi realizado. Foi afastado da função em dezembro de 1934. Quem respondia pela Prefeitura era José de Carvalho Júnior.

3 – AIB x ANL: Greve Geral e mediação de Fiúza

No segundo semestre de 1934, intensificaram-se os movimentos contrários ao imperialismo e a ideologia fascista e de setores insatisfeitos com a Lei de Segurança Nacional, em pauta no Congresso. Nesse contexto, nasceu a Aliança Nacional Libertadora, lançada oficialmente em 30 de março de 1935 (VIANNA, 2007. p. 157-158). A ANL logo ficou conhecida e ganhou milhares de adeptos em diversos pontos do Brasil. Nos primeiros três meses de existência, mais de 1500 núcleos aliancista foram criados (VIANNA, 2007. p. 163).

Em Petrópolis, o núcleo chegou a reunir 2.500 filiados, o que chamou atenção das lideranças da ANL, já que se tratava de uma cidade de médio porte. (PRESTES,

2005, P.6. VIANNA, 2007, P. 163). Embora não tivesse o mesmo espaço que a AIB nas páginas dos jornais, podemos perceber, por meio das críticas constantes que recebia, que o núcleo aliancista incomodava, e muito, os integralistas petropolitanos.

Esse partido que surgiu há pouco com o nome de Alicança não sei de que, se não obedece a orientação de Moscou, está em campo sem uma doutrina sólida que oriente seus adeptos. É uma coisa assim, como os partidinhos liberalóides, que há mais de quarenta anos vem degradando o Brasil. Aliás, nós, integralistas, também lemos a carta do "Cavaleiro da Esperança", o sr. Luiz Carlos Prestes, que foi arvorado chefe dos Aliancistas. Com franqueza, teria sido preferível que os brasileiros seus amigos continuassem na ilusão, esperando... esperando... pois o citado documento é um atendo da mais escassa pobreza de inteligência. (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 26 de maio de 1935, p.1).

Segundo Marly Vianna, "*entre os meses de abril, maio e junho de 1935, ou se era aliancista, ou integralista*" (VIANNA, 2007, P.162). Bem como no restante do país, esse embate não faltou ganhar as ruas da cidade.

Em 9 de junho de 1935, a ANL realizou um comício em Petrópolis, reunindo um grande número de aliancistas no centro da cidade. Após o comício, foi feito um desfile. Os aliancistas deixaram a praça em direção a fachada da sede dos integralistas. Ali, Roberto Sisson, secretário geral da ANL, iniciou um discurso, que terminou com tiros disparados da sede a AIB contra os aliancistas, deixando dezenas de feridos e morto o operário da companhia Santa Isabel, Leonardo Candú. (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 10 de junho de 1935, p.1)

No dia seguinte ao confronto, trabalhadores do setor têxtil organizaram uma comissão e articularam a paralisação de fábricas e do comércio da cidade. Também aderiram ao protesto os ferroviários da companhia Leopoldina e os padeiros da cidade.

O clima era de insegurança e medo. A cidade recebeu reforço policial de Niterói, que enviou dois contingentes. No mesmo dia, em comício na sede da Aliança Nacional Libertadora, ficou decidida a greve dos operários. (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 11 de junho de 1935). As principais reivindicações dos grevistas foram as seguintes:

- 1 – Dissolução dos grupos armados de integralistas
- 2 – Aumento geral dos salários
- 3 – Cumprimento integral das leis sociais
- 6 – Respeito à lei das oito horas (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 12 de junho de 1935).

O prefeito José de Carvalho Júnior procurou mediar uma solução entre operários e industriais, porém, não conseguiu êxito. Operários de Magé, Pau Grande e Meio da Serra também cruzaram os braços em solidariedade ao movimento petropolitano (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 14 de junho de 1935.).

Em 18 de junho, uma comissão de operários de Petrópolis procurou o ex-prefeito Yêd do Fiúza, solicitando sua mediação no conflito. Fiúza prontificou-se a atender a solicitação dos trabalhadores. Reuniu-se com os operários em greve na sede do sindicato da categoria, onde mais de 500 tecelões o aguardavam. Posteriormente, reuniu-se com industriais. (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 13 e 14 de junho de 1935)

Fiúza contou com o auxílio de Luiz Mazavilla e Júlio Muller, ambos do Ministério do Trabalho. As negociações tiveram êxito, e em 21 de junho, os trabalhadores voltaram às atividades. No caso mais grave, o da Fábrica de Tecidos Aurora, os operários obtiveram um aumento salarial de 15% e a garantia de que nenhum operário seria dispensado em função da greve. Como consequência desse episódio, o ex-prefeito saiu ainda mais prestigiado na cidade, e retornou ao antigo posto em 1936.

Apesar desses fatos, a crítica de Lacerda e a insistência de rotular Fiúza como integralista vai contra toda a documentação a respeito deste episódio. A versão do jornalista é a seguinte:

Foi com Fiúza a frente da Prefeitura de Petrópolis que os integralistas mataram, em 1935, o operário Leonardo Candú (...).
E não de agora êsses operários votar no homem que cortejou aberta e imprudentemente os assassinos de seu companheiro, apenas porque o sr. Prestes (...) não consegue compreender que cada voto desviado de Eduardo Gomes é um voto dado aos integralistas que apóiam o general Dutra. (LACERDA, 1946, p 63-64).

Portanto, Lacerda nega qualquer aproximação entre Fiúza e o operariado, colocando-o ao lado dos integralistas no conflito, sem levar em conta que foram os grevistas aliancistas que o chamaram para mediar as negociações durante a greve.

CONCLUSÃO

A análise de uma trajetória individual, quando se leva em conta o contexto e os atores que apresentam-se integrados a esse sujeito permite um resultado que extrapola a

compreensão pura e simples de uma biografia. Segundo Philippe Levillain, a biografia histórica

não tem como vocação esgotar o absoluto “eu” de um personagem, como já pretendeu e ainda hoje o pretende mais do que devia. E se a simbologia de seus fatos e gestos pode servir de representação da história coletiva através de um homem, tal como o retrato, ela não esgota a diversidade humana (...), tampouco tem que criar tipos. Ela é o melhor meio, em compensação, de mostrar as ligações entre passado e presente, memória e projeto, indivíduo e sociedade, e de experimentar o tempo como prova de vida. (LEVILLAIN, 2003, p.176).

Por meio da análise da trajetória individual de Yêddo Fiúza tendo como preocupação os atores que permearam essa trajetória é possível uma compreensão mais clara desses próprios atores. Nesse sentido, e conforme o presente trabalho se propôs a apresentar, a pesquisa não se esgota na biografia política de Fiúza e fornece uma contribuição para a compreensão da dinâmica é possível compreender melhor a dinâmica da Ação Integralista Brasileira em Petrópolis na década de 1930.

BIBLIOGRAFIA:

ALCÂNTARA, Priscila Musquim. *Petrópolis, 1935: Greve e Conflitos na Cidade Imperial*. Juiz de Fora: 2009. Departamento de História. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Juiz de Fora Monografia de Bacharelado.

BOUDON, Raymond. *Tratado de sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

CYTRYNOWICZ, Roney. MAIO, Marcos Chor. A ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil. (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org). *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estadismo. Do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 41.

DIAS, Sônia. João Daudt D'Oliveira. In: ABREU, A.A et alli, (coord). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-30*. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC. 2001.

GOMES, Angela de Castro. (coord.). *Engenheiros e economistas: novas elites burocráticas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994.

LACERDA, Carlos. *O Rato Fiúza*. Rio de Janeiro: Moderna, 1946.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René. (org). *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003

MACHADO, Paulo Henrique. *Pão, Terra e Liberdade na Cidade Imperial. A luta anti-fascista em Petrópolis no ano de 1935*. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS. 2008.

PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org). *O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estadismo. Do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. Vol. 2.

PRESTES, Anita Leocádia. 70 anos da Aliança Nacional Libertadora (ANL). *Leituras cotidianas*, n° 135. set. 2005. Disponível em <http://br.geocities.com/mcrost07/20050909a_70_anos_da_alianca_nacional_libertadora.htm>. Acesso em 13 de junho de 2009.

SANTOS, Joaquim Eloy. *O controvertido Fiúza*. Tribuna de Petrópolis, 07 de outubro de 2001. Caderno Especial 90 anos. P.13.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

VIANNA, Marly de Almeida G. *Revolucionários de 1935: sonho e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.